

OS IMPACTOS DO USO INDISCRIMINADO DE TELAS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS

Recebido em: xx/xx/xxxx

Aceito em: xx/xx/xxxx

DOI: 10.25110/akropolis.vXXiX.2024-00000



Heloisa Martins Pereira¹
Julia Maquiaveli²
Hellen Luisie Florencio Gonçalves³

RESUMO: Este artigo, de natureza bibliográfica, objetivou compreender os efeitos do uso excessivo de telas no desenvolvimento da linguagem na primeira infância, especificamente no período de 0 a 3 anos, à luz da Psicologia Histórico-Cultural. Constitui-se como uma pesquisa de natureza bibliográfica, fundamentada em autores como Vygotsky e estudiosos contemporâneos do desenvolvimento infantil. Aborda a constituição do desenvolvimento humano desde a vida intrauterina até a primeira infância, evidenciando a importância dos fatores sociais em todo o processo de desenvolvimento infantil. Em relação ao desenvolvimento da linguagem, observa-se que é um processo mediado pelas interações sociais, destacando o papel do adulto na formação das funções psicológicas superiores. Fica evidente que na atualidade, o uso indiscriminado de telas é massivo desde a tenra idade, gerando impactos no desenvolvimento infantil, especialmente em funções psicológicas, emocionais, comportamentais e relacionais, evidenciando prejuízos relacionados à diminuição das interações sociais, atraso na aquisição da fala, dificuldades de atenção e comprometimento das funções psíquicas. Os resultados indicam que a exposição precoce e desregulada a essas tecnologias pode interferir amplamente no desenvolvimento global da criança, sobretudo quando substitui experiências fundamentais como o brincar, a interação social e o vínculo afetivo. Conclui-se que é essencial promover o uso consciente e mediado das tecnologias, respeitando as recomendações de órgãos de saúde e priorizando experiências de trocas mediadas que favoreçam o desenvolvimento integral da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Primeira Infância; Desenvolvimento Infantil; Psicologia Histórico-Cultural; Dependência Digital.

THE IMPACTS OF INDISCRIMINATE SCREEN USE ON LANGUAGE DEVELOPMENT IN CHILDREN AGED 0 TO 3 YEARS

¹ Graduação mais alta; Instituição; E-mail; Orcid

² Graduação mais alta; Instituição; E-mail; Orcid

³ Graduação mais alta; Instituição; E-mail; Orcid

ABSTRACT: This article aimed to understand the effects of excessive screen use on language development in early childhood, specifically in the period from 0 to 3 years, in light of Historical-Cultural Psychology. It constitutes a bibliographical research, based on authors such as Vygotsky and contemporary scholars of child development. It addresses the constitution of human development from intrauterine life to early childhood, highlighting the importance of social factors throughout the child development process. Regarding language development, it is noted that it is a process mediated by social interactions, emphasizing the role of the adult in the formation of higher psychological functions. It is evident that currently, the indiscriminate use of screens is massive from a very young age, generating impacts on child development, especially in cognitive, emotional, behavioral, and relational functions, showing impairments related to decreased social interactions, delayed speech acquisition, attention difficulties, and compromised cognitive functions. The results indicate that early and unregulated exposure to these technologies can significantly interfere with a child's overall development, especially when it replaces fundamental experiences such as play, social interaction, and emotional bonding. It is concluded that it is essential to promote the conscious and mediated use of technology, respecting the recommendations of health organizations and prioritizing interactive experiences that favor the child's holistic development.

KEYWORDS: Early Childhood; Child Development; Historical-Cultural Psychology; Digital Addiction.

IMPACTO DEL USO INDISCRIMINADO DE PANTALLAS EN EL DESARROLLO DEL LENGUAJE EN NIÑOS DE 0 A 3 AÑOS.

RESUMEN: Este artículo tuvo como objetivo comprender los efectos del uso excesivo de pantallas en el desarrollo del lenguaje durante la primera infancia, específicamente en el período de 0 a 3 años, desde la perspectiva de la Psicología Histórico-Cultural. Constituye una investigación bibliográfica, basada en autores como Vygotsky y estudiosos contemporáneos del desarrollo infantil. Aborda la constitución del desarrollo humano desde la vida intrauterina hasta la primera infancia, destacando la importancia de los factores sociales a lo largo del proceso de desarrollo infantil. En cuanto al desarrollo del lenguaje, se observa que es un proceso mediado por las interacciones sociales, enfatizando el papel del adulto en la formación de funciones psicológicas superiores. Es evidente que, actualmente, el uso indiscriminado de pantallas es masivo desde edades muy tempranas, generando impactos en el desarrollo infantil, especialmente en las funciones cognitivas, emocionales, conductuales y relacionales, mostrando deficiencias relacionadas con la disminución de las interacciones sociales, el retraso en la adquisición del habla, dificultades de atención y funciones cognitivas comprometidas. Los resultados indican que la exposición temprana y no regulada a estas tecnologías puede interferir significativamente en el desarrollo general del niño, especialmente cuando reemplaza experiencias fundamentales como el juego, la interacción social y el vínculo emocional. Se concluye que es fundamental promover el uso consciente y mediado de la tecnología, respetando las recomendaciones de las organizaciones de salud y priorizando las experiencias interactivas que favorezcan el desarrollo integral del niño.

PALABRAS CLAVE: Primera Infancia; Desarrollo Infantil; Psicología Histórico-Cultural; Adicción Digital.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da linguagem é uma questão primordial quando se pensa no desenvolvimento humano, correspondendo a uma das etapas que permite com que o sujeito se comunique com seus pares, mas não se limita apenas a isso. A psicologia irá reconhecer que a aquisição da linguagem corresponde a um processo que atinge diversas dimensões, de modo que não permite somente que o indivíduo fale, mas que também possa entender a si, o outro e o seu redor, que possa pensar, construir relações e sua própria identidade. Com isso, é possível observar que a linguagem atinge diversificados patamares, seja cognitivo, social, cultural, emocional, dentre outros (MARTINS, 2016a).

A psicologia histórico-cultural corresponde a uma abordagem teórica que parte da compreensão de que o desenvolvimento humano é o resultado das relações entre o sujeito e o meio em que vive, ou seja, é importante considerar as questões biológicas em conjunto com as relações com o meio social, cultural e histórico. Nessa perspectiva, Vygotsky (1991), autor referência dessa abordagem, pontua que o desenvolvimento da linguagem segue essa mesma prerrogativa, ocorrendo por meio das interações com o meio e de forma mais significativa na primeira infância, entre 0 e 3 anos. Portanto, “o momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas independentes de desenvolvimento, convergem.” (VYGOTSKY, 1991, p. 20).

Reconhecendo essas questões e observando a sociedade atual, é possível perceber que as relações humanas tem se alterado, novas formas de comunicação surgem, inovações tecnológicas aproximam pessoas distantes e também afastam pessoas próximas. Nessa perspectiva, o acesso a essas novas ferramentas digitais têm permeado cada vez mais a realidade das crianças, desde os primeiros anos de vida. Seja como uma forma de distração ou ainda com a desculpa de estimular o desenvolvimento, as crianças passam tempo excessivo com acesso a esses recursos, podendo impactar a forma e a qualidade com as quais se relacionam com adultos e outras crianças.

Considerando que será na primeira infância que parte fundamental do desenvolvimento ocorrerá, refletir sobre os impactos cada vez mais recorrentes do uso excessivo de telas por crianças é de suma importância para compreender seus efeitos na

linguagem e atenção. Como orienta a Organização Mundial da Saúde (OMS), crianças de até cinco anos não devem ultrapassar uma hora diária em atividades passivas diante de telas, como televisores, computadores ou celulares. Ao falar de bebês com menos de um ano, a orientação da organização é clara, frisando que não haja exposição a dispositivos eletrônicos, priorizando-se momentos de interação direta, como brincadeiras no chão e leitura com os cuidadores (Organização Mundial da Saúde, 2019).

Dessa maneira, aprofundar as reflexões acerca dessa temática abre espaço para que se compreendam esses impactos não somente na vida infantil, mas seus reflexos ao longo da trajetória do indivíduo, visto que desordens no desenvolvimento podem perdurar por diversas fases da vida. Dessa maneira, a atenção aos cuidados a primeira infância, ao desenvolvimento de habilidades importantes e a construção das bases para a aquisição de funções psicológicas posteriores, é imprescindível para trabalhar com esse público, seus familiares/cuidadores e professores, fornecendo conhecimento para que seja possível reconhecer a importância das interações presenciais, do brincar e do vínculo afetivo como fundamentos da comunicação e das funções psicológicas superiores.

A partir disso, o presente trabalho se propôs a construir uma revisão bibliográfica sobre o desenvolvimento da linguagem na primeira infância, partindo do uso excessivo de telas na atualidade, com um recorte temporal entre 0 a 3 anos, baseando-se na psicologia histórico-cultural. Para isso, buscou-se diferenciar os períodos do desenvolvimento na psicologia histórico-cultural, analisar o desenvolvimento da linguagem na primeira infância e relacionar o uso excessivo de telas para o desenvolvimento da linguagem em crianças.

2 OS PERÍODOS DE DESENVOLVIMENTO NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

2.1 O desenvolvimento intrauterino

A vida intrauterina demarca o início do desenvolvimento do corpo humano, de modo que o psiquismo irá começar a se construir posteriormente. Assim, as vivências

da gestante poderão ter impacto no bebê, considerando a força desse vínculo. A psicologia histórico-cultural irá compreender que o desenvolvimento humano é um processo social, no qual desde os estágios iniciais de vida, há impactos desse meio. Portanto, entende-se que os processos biológicos e sociais caminham lado a lado, de modo que sem qualquer um dos dois não há desenvolvimento (CHEROGLU; MAGALHÃES, 2016).

Assim, as autoras Cheroglu e Magalhães (2026) destacam que “entrelaçadas com o desenvolvimento evolutivo já desde o feto estão as condições de desenvolvimento impostas pela sociedade: o desenvolvimento do bebê sofre influência direta das condições de vida da gestante” (p. 97). Mesmo que não haja de fato uma relação social com o meio, o feto poderá ser impactado pelas relações que sua genitora irá vivenciar durante a gestação, demonstrando mais uma vez os impactos sociais no desenvolvimento, desde muito precoce.

Dessa forma o feto não é um ser isolado do contexto social, mas já se desenvolve em dependência das condições materiais e simbólicas vividas pela gestante. O corpo da mãe é mediador entre o organismo em formação e o meio social, de modo que as condições concretas de vida, alimentação, afeto, trabalho, ambiente e cuidados interferem diretamente na constituição do bebê, de modo que se observa que a vida social da mãe interfere no desenvolvimento do feto (CHEROGLU; MAGALHÃES, 2016).

Nessa perspectiva, Cheroglu e Magalhães (2016) compreendem que na vida gestacional o bebê recebe estímulos e reflexos. Porém, após o nascimento esse cenário se modifica, com a inclusão desse novo indivíduo em um meio que irá agir sobre ele e contribuir para o seu desenvolvimento. As autoras reconhecem que os primeiros sistemas a se desenvolver no feto são o nervoso e o circulatório, a partir dos quais se solidifica a base que irá contribuir para o desenvolvimento como um todo, tanto orgânico quanto o psíquico, posteriormente. A partir da formação dessas estruturas, o feto passa a reagir a estímulos externos, como o toque na barriga da gestante, demonstrando que já há atividade reflexa involuntária, uma expressão inicial da interação entre organismo e meio.

Com isso, ao considerar a psicologia histórico-cultural, a vida intrauterina é o estágio do desenvolvimento em que será possível a construção de um organismo biológico, através do qual o psiquismo poderá se desenvolver. Então, a forma como a

gestante vivencia esse momento terá impactos significativos no feto, ou seja, o social também impactará essa fase, sinalizando o movimento dialético entre organismo e cultura. Portanto, mesmo antes de seu nascimento, o indivíduo já é produto das relações sociais mediadas historicamente (CHEROGLU; MAGALHÃES, 2016).

Nessa direção, Vicentini, Stefanini e Vicentini, (2009 apud MARTINS, 2016b, p. 95) afirmam que “as conexões nervosas se produzem não na unilateralidade das excitações naturais internas, mas sim nas vinculações objetivas entre o organismo e as condições que lhe conferem as possibilidades para existir”. Assim, o desenvolvimento intrauterino demonstra que o biológico não se sobrepõe ao social, mas se constitui em unidade com ele.

A relação entre o feto e a gestante, portanto, é a primeira forma de relação social que condiciona o desenvolvimento humano. Em síntese, a vida uterina é compreendida, na perspectiva histórico-cultural, como um momento de formação das bases biológicas e sociais do psiquismo. O desenvolvimento humano, desde suas origens, é atravessado pelas condições concretas de existência da mãe e pelas determinações da sociedade em que ela vive. O feto, mesmo antes de nascer, é parte de um processo social que o constitui como ser histórico e cultural (MARTINS, 2016b).

2.2 O nascimento e o início da vida psíquica

Vygotsky (2006 apud Facci; Tavares, 2024) entende que cada período do desenvolvimento será marcado por neoformações, ou seja, processos que permitem o surgimento das funções psicológicas superiores, através de momentos estáveis e de crises. Essas crises são consideradas importantes, pois será nesses períodos que haverá mudanças consideráveis, acesso a novos saberes e transformação no sujeito.

Segundo Facci e Tavares (2024), a partir do nascimento, denominado período de passividade, o primeiro ano de vida do bebê é repleto de desenvolvimento, ou seja, um período fértil para a aquisição de diversos novos saberes e habilidades. Será nesse momento que também ocorrerá a primeira crise do desenvolvimento, conhecida como crise pós-natal, de modo que após o nascimento o bebê passa por uma mudança da vida intrauterina para a extrauterina, construindo a partir disso uma primeira forma de comunicação, a comunicação emocional direta. Assim, considerando que nesse

momento ele depende exclusivamente de seu cuidador para que possa sobreviver, essa forma de comunicação é essencial para sinalizar necessidades emergentes.

Nessa perspectiva, Facci e Tavares (2024) refletem sobre a dependência do bebê nos primeiros anos de vida, de modo que necessita das sensações corporais para que possa compreender o mundo em que vive, considerando que ainda não possui o desenvolvimento da percepção para compreender sua realidade. Assim, a comunicação entre ele e seu cuidador é essencial, a qual inicia a construção dessa habilidade. Pasqualini (2006) reconhece que o adulto tem papel fundamental no processo de comunicação, oferecendo o seu saber para atender as necessidades do bebê, apresentando-lhe a realidade a sua volta e o ensinando como se relacionar com esse meio.

Com o avanço das semanas, entretanto, essa passividade inicial dá lugar a um interesse crescente pelo meio. Entre o segundo e o terceiro mês de vida, o bebê passa a demonstrar respostas ativas a estímulos visuais e auditivos, movimenta-se de forma mais coordenada e manifesta atenção aos sons e à presença do outro. As autoras indicam que essa transformação está relacionada à maturação cortical e à formação da atividade nervosa superior, o que marca o final do período pós-natal. Segundo as autoras, “a atividade nervosa superior constitui-se conforme a vida psíquica e social do bebê, propiciando o surgimento de uma importante reação social: o sorriso.” (CHEROGLU; MAGALHÃES, 2016, p. 104).

O sorriso, juntamente com o choro, passa então a representar as primeiras formas de comunicação emocional com o adulto, sinalizando o início da vida social propriamente dita. Essa comunicação afetiva primária torna-se a base para o desenvolvimento das futuras formas de interação e das funções psíquicas superiores. O contato com o outro, portanto, deixa de ser apenas uma resposta fisiológica e passa a ter significado social, inaugurando a atividade de comunicação emocional direta com o adulto, que será a atividade-guia do primeiro ano de vida (CHEROGLU; MAGALHÃES, 2016).

Em síntese, o período pós-natal é o momento em que o bebê passa da passividade biológica para a atividade social mediada. Embora o recém-nascido ainda não possua consciência diferenciada, linguagem ou percepção objetiva, o contato com o adulto e o ambiente social constitui a base sobre a qual se formarão suas futuras capacidades psíquicas. Assim, a dependência inicial do bebê não é sinal de limitação,

mas a condição essencial para a humanização, pois é pela mediação do outro que ele se insere no mundo cultural e inicia o desenvolvimento de sua consciência (SANTOS; MELLO, 2020).

2.3 A primeira infância

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, a primeira infância (aproximadamente de 1 a 3 anos) é um período de profundas transformações no desenvolvimento humano. Para Vygotsky (1996), o que caracteriza a consciência da criança nessa etapa é a unidade entre as funções sensoriais e motoras, que passam a atuar de forma integrada. É nesse momento que a criança desenvolve ações de orientação e manipulação de objetos, originadas no interior da atividade de comunicação emocional direta com o adulto (CHEROGLU; MAGALHÃES, 2016).

Pasqualini (2009) discutirá que a compreensão sobre o desenvolvimento infantil muitas vezes parte de um viés naturalista, ou seja, desconsiderando o meio e a cultura em que a criança está inserida e os impactos destas ao seu desenvolvimento. Nessa perspectiva, as fases do desenvolvimento são tidas como naturais e gerais para todos, sem considerar as especificidades de cada sujeito, de sua cultura, daqueles com quem convive, o acesso às mais diversas experiências, entre outros. Para a psicologia histórico-cultural, fala-se em uma periodização do desenvolvimento, concebendo-a como um processo histórico e que não se determina pelas leis naturais universais.

Dessa forma, Santos e Mello (2020) destacam que Vygotsky irá discorrer sobre esses períodos de desenvolvimento, abordando o período pós-natal, já mencionado anteriormente, como sendo o momento de transição da vida gestacional para a vida em sociedade, onde a vida psíquica é vista como primitiva, individual, onde não há ainda uma vivência social ou a distinção entre os objetos.

No período do primeiro ano de vida, Vygotsky propõe que o bebê começa a apresentar algumas reações sociais, as quais envolvem uma grande necessidade da atenção do cuidador, mas ao mesmo tempo ainda não há a formação de uma comunicação propriamente dita. Com isso, gradualmente o desenvolvimento irá percorrer pela passividade, interesse receptivo e ativo, o que promover a passagem para a atividade propriamente dita. Ao final desse primeiro ano de vida, a criança passa pela crise do primeiro ano, a qual resulta no surgimento da linguagem autônoma infantil,

longe de se configurar como a linguagem adulta, mas já demonstrando indícios de uma comunicação efetiva (PASQUALINI, 2009).

Portanto:

A linguagem autônoma infantil não coincide com a linguagem adulta nem quanto aos aspectos articulatório e fonético nem no que se refere à coesão e à atribuição de significado. Uma de suas peculiaridades é que as crianças utilizam uma única palavra para se referir a todo um conjunto de coisas que os adultos designam com palavras diferentes. As palavras utilizadas pelas crianças são em geral “retalhos” das palavras da linguagem adulta. (PASQUALINI, 2009, p. 37).

Já em seu segundo ano de vida, a criança estará entre o momento da primeira infância e a crise dos três anos, composta por diversas mudanças no comportamento, na linguagem e na forma como se relaciona com o mundo e o meio social em que se insere. No que tange a linguagem, a criança já demonstra maiores avanços no desenvolvimento dessa função, sendo possível observar que consegue manejar a organização de pensamentos e ações. No primeiro ano, no qual a criança dependia diretamente da percepção e do campo visual, no segundo ano passará a agir sob a mediação da linguagem e a partir dos significados sociais, o que fornece maior autonomia nas ações e uma melhor compreensão do meio ao seu redor (PASQUALINI, 2009).

Assim, a criança possui enquanto função básica a percepção, passando a uma nova formação social, que é o surgimento da consciência, de modo que “[...] dizer que o homem atua conscientemente é o mesmo que dizer que suas ações são imbuídas de sentido, e pela primeira vez é possível identificar na conduta da criança a compreensão verbal dos objetos e de sua própria conduta.” (PASQUALINI, 2009, p. 37).

Nessa transição entre o segundo e o terceiro ano a criança passará por uma nova crise de desenvolvimento, onde vivencia uma reorganização do seu psiquismo. Nesse momento, poderá apresentar comportamentos como o negativismo, a teimosia, a rebeldia e a insubordinação, os quais demonstram uma passagem da passividade para o desenvolvimento de sua própria individualidade, construindo o seu eu (PASQUALINI, 2009).

Dessa forma, o final da primeira infância é marcado pela mudança da criança com os seus próprios afetos, anteriormente poderia observar-se que agia de acordo com os seus desejos imediatos, porém, agora passa a demonstrar resistência a esses impulsos, iniciando o processo de desenvolvimento do controle voluntário do comportamento, o que contribuirá para o desenvolvimento da consciência e da personalidade. Assim, esse

momento final demonstrará uma ampliação da linguagem, resultado do início da autonomia e pela emergência de conflitos com o adulto, refletindo um processo de muita importância, a construção da identidade da criança e de sua independência em relação ao outro (PASQUALINI, 2009).

3 O USO EXCESSIVO DE TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA E OS IMPACTOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM INFANTIL

3.1 O desenvolvimento da linguagem

Vygotsky (1989) compreende que o desenvolvimento infantil seguirá uma linha evolutiva, reconhecendo que a função central da linguagem em adultos e crianças é a comunicação, o estabelecimento de contato com o outro. Por isso, a fala primitiva das crianças terá base nessas trocas sociais, inicialmente sendo geral e com diversas funções, para posteriormente se construir a partir de diferentes funções.

Além disso, em determinada idade, a fala da criança poderá ser dividida em egocêntrica e comunicativa, essa fala egocêntrica será voltada para a transposição das formas sociais de comportamento para o âmbito das funções psíquicas internas, podendo ser visto como um momento de transição, de modo que a criança conversa consigo mesma como se estivesse falando com outra pessoa, internalizando assim as relações sociais. Vygotsky discutirá que essa ação corresponde a um elo genético entre a linguagem oral e o discurso internalizado, o que conduz a formação do pensamento, percorrendo o caminho do pensamento socializado para o individual (VYGOTSKY, 1989).

Nesse contexto, ao se debruçar sobre o momento pré-intelectual da linguagem no desenvolvimento infantil, o autor narra que o balbuciar, o choro e as primeiras palavras proferidas por crianças pequenas podem ser vistos como estágios do desenvolvimento da linguagem, os quais ainda não estariam interligados com o desenvolvimento do pensamento. Portanto, já se observa uma função social desta forma inicial de linguagem, momento em que as crianças passam a realizar tentativas de interações sociais já nos primeiros meses de vida. Além disso, será aproximadamente aos dois anos de idade que o desenvolvimento da linguagem e do pensamento irão se encontrar, contribuindo para um novo comportamento (VYGOTSKY, 1989).

A partir desse ponto, a criança passa a compreender que tudo possui um nome, passando a entender o propósito da comunicação, assim, a linguagem passa a começar a servir o intelecto e os pensamentos passam a ser oralizados. Nesse processo, a criança começa a perguntar ativamente sobre o que são as coisas novas que observa, conseqüentemente, passa a enriquecer o seu vocabulário, progredindo em saltos de forma rápida (VYGOTSKY, 1989).

Antes disso, a criança conhece apenas o que lhe é passado por outra pessoa, mas a partir desse momento de mudança, passa a sentir a necessidade de novas palavras, fazendo perguntas e tentando aprender os signos que se relacionam a esses objetos de interesse, sendo possível observar que aparenta descobrir a função simbólica das palavras. Desse modo, o que antes poderia ser visto como uma linguagem afetiva/conotativa passa a compor o estágio intelectual, com o encontro do desenvolvimento da linguagem e do pensamento (VYGOTSKY, 1989).

3.2 O acesso excessivo a telas e o desenvolvimento infantil

A partir dessa compreensão sobre o desenvolvimento, entende-se que as funções psicológicas superiores sofrem influências significativas das relações entre os fatores neurobiológicos e ambientais, é necessário se debruçar sobre os impactos que esse meio terá sobre o desenvolvimento. Nesse sentido, a infância será um momento crítico para o desenvolvimento neurocognitivo, sendo possível destacar vivências diversas, como o desenvolvimento biológico das estruturas, fortalecimento de conexões, desenvolvimento das funções cognitivas superiores, como a memória, atenção, controle inibitório e linguagem, podendo ser divididos em dimensões distintas, como a biológica, comportamental e a social (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2025).

Dessa maneira, todos esses componentes demonstram que a infância pode ser vista como um período fértil para o desenvolvimento, sendo um momento em que a criança está sensível a essas alterações e que estímulos extremos, com recompensas imediatas, recorrentes no uso de telas, poderá afetar diretamente esse processo, de modo que:

Essa sensibilidade ampliada pode contribuir para padrões de uso compulsivo ou desregulado, impactando negativamente o amadurecimento de funções executivas, como o controle inibitório, o planejamento e a tomada de decisão. Além disso, a exposição recorrente a estímulos altamente recompensadores

pode reduzir a tolerância ao tédio, afetar a capacidade de autorregulação emocional e comprometer o engajamento em atividades que demandam atenção sustentada e esforço cognitivo contínuo, como os estudos, as interações sociais presenciais e o sono reparador. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2025, p. 85).

Diante disso, reconhece que o uso dessas ferramentas pode ser positivo quando utilizadas de forma programada, com um objetivo, principalmente no contexto educacional, trazendo novas formas de ensino e aprendizagem, considerando que atualmente novas formas de fazer o ensino tem sido demandadas. Entretanto, seu uso indiscriminado pode acarretar interferências no desenvolvimento, com prejuízos expressivos em diversas áreas (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2025).

No que se refere à linguagem, sugere-se que a exposição a telas e dispositivos digitais desde cedo pode estar associada a uma diminuição nas interações sociais e verbais, as quais são importantes para o desenvolvimento da fala e comunicação. Nessa perspectiva, a exposição direta a essas tecnologias, principalmente a conteúdos que não ofertam interações e quando não há mediação de outro sujeito, diminuem importantes momentos de trocas e comunicações (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2025).

Assim, é necessário olhar para além do uso da tecnologia em si, mas também qual é a qualidade das interações que são proporcionadas nesses momentos, o contexto em que são utilizadas e quais os conteúdos acessados pela criança. Desse modo, estudos recentes demonstram que esses acessos ilimitados acabam por contribuir para atraso na aquisição da linguagem, devido a diminuição das interações com adultos, redução de vocabulário, que pode se originar a partir de acesso a conteúdos sem fins de interações verbais, bem como controles das capacidades simbólicas e psicomotoras, onde a criança passa a ter dificuldade em desenvolver o pensamento abstrato e a solucionar problemas diversos (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2025).

Complementando essa discussão, Gondim *et al.* (2022) destacam que o período da primeira infância é muito importante ao pensar no desenvolvimento humano, pois será nessa fase que serão formadas as estruturas cerebrais e aprimoradas as habilidades complexas como a cognição, linguagem e socioemocional, bases que serão utilizadas ao longo da vida do indivíduo. Nesse cenário, com os avanços da tecnologia, cada vez mais surgem dispositivos eletrônicos que se inserem no cotidiano das pessoas, de modo que as crianças se encontram nesse meio, com acesso prematuro a esses mecanismos, sendo

essencial compreender quais os impactos que esses dispositivos e mídias têm para um período tão fértil de desenvolvimento.

Além disso, os autores reconhecem que na última década o número de estudos sobre essa temática tem aumentado de forma expressiva, considerando as hipóteses de impactos da presença de telas desde muito cedo na vida de bebês. Nesse sentido, destacam que esse acesso não é algo novo, pois a televisão já faz parte da vida de muitas crianças há anos, porém, com o avanço das tecnologias, outros dispositivos e conteúdos têm sido acessados, principalmente por meio de tablets e celulares.

Essa popularização do acesso a essas tecnologias digitais não ocorre em vão, possuindo fatores que desencadeiam o seu uso excessivo, como por exemplo, manter a criança ocupada e entretida. Paralelamente, no ambiente escolar esse acesso também tem aumentado, buscando despertar o interesse em conteúdos diversos, um resultado do uso recorrente no ambiente doméstico, de modo que a escola passa a precisar se adaptar a essa nova realidade (GONDIM *et al.*, 2022).

É reconhecido que esse aumento do acesso às telas desde a primeira infância se justifica por diversas questões, como situações domésticas em que há apenas um cuidador, casas com muitas crianças, pais com pouco tempo livre para passar com os filhos e a necessidade de realizar outras funções, de modo que a criança pode ficar “entretida” com as telas enquanto os responsáveis estão realizando outras tarefas (GONDIM *et al.*, 2022).

No que diz respeito aos impactos do uso de telas na primeira infância, os mais evidentes se referem a questões comportamentais, dificuldade de socialização, socioemocionais e possíveis sintomas de desatenção e hiperatividade. Além disso, frisam dificuldades de aprendizagem, como a redução de novas palavras no vocabulário, menor probabilidade de atingir marcos do desenvolvimento como habilidades motoras e linguagem, quando a exposição é maior do que três horas por dia (GONDIM *et al.*, 2022).

De forma complementar, Abud *et al.* (2024) reconhecem que os dois primeiros anos de vida correspondem a um período crítico para o desenvolvimento, pois é um terreno rico no qual se desenvolvem as funções psicológicas, o que ocorrerá através das mediações e estímulos externos, nas brincadeiras e interações sociais, o que não pode ser substituído por outras atividades. Assim, citam o uso de telas como uma prática cada vez mais comum na idade infantil, reiterando que essa forma de estímulo pode trazer

uma excitação exagerada nos mecanismos cerebrais, fazendo com que a criança esteja sempre em busca de novas formas de satisfação, acarretando irritabilidade, isolamento, dificuldade de memória e concentração, bem como no desenvolvimento da fala.

Portanto:

“[...] é o meio que faz a diferença no processo de formação e aquisição de habilidades, mas como as telas são uma forma de distração passiva, o exercício das funções que deveriam ser formadas nesse estágio da vida não acontece, impactando negativamente o desenvolvimento da criança.” (p. 4).

Além disso, os autores reconhecem que os impactos do uso excessivo de telas na primeira infância são diversos, os quais podem perdurar por toda a vida do indivíduo. Dessa maneira, o imediatismo que essas tecnologias proporcionam podem afetar a capacidade de atenção, concentração, favorecer baixa tolerância a frustrações, impulsividade e irritabilidade. Além do mais, fazem com que a criança passe a preferir atividades que exijam menor desempenho cognitivo, o que pode gerar sentimentos ansiosos e frustração quando se encontrarem diante de tarefas que demandam maior esforço (ABUD *et al.*, 2024).

Ainda, relatam que o uso de telas antes de dormir diminui a qualidade do sono, impactando diretamente no desenvolvimento e aprendizagem, gerando atrasos diversos, como por exemplo, na linguagem, a qual necessita de interações sociais com outros sujeitos para que se desenvolva e se consolide (ABUD *et al.*, 2024).

Ampliando essa discussão, é possível reconhecer que diversas instâncias que trabalham com a temática da infância irão discutir esses impactos, sinalizando orientações sobre o uso de telas. Nesse sentido, o quadro 1 reúne informações dos principais órgãos que estudam a infância a respeito do uso seguro de telas na infância.

Quadro 1 - Recomendações sobre o uso de telas na primeira infância segundo diferentes órgãos de saúde

ÓRGÃO	FAIXA ETÁRIA	LIMITE RECOMENDADO	OBSERVAÇÕES
Organização Mundial da Saúde (OMS)	0 a 1 ano	Evitar telas	Incentivar interação direta com o cuidador
Organização Mundial da Saúde (OMS)	2 a 4 anos	Máximo de 1 hora por dia	Conteúdo educativo, acompanhado por adulto

Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP)	0 a 2 anos	Evitar telas	Enfatizar a importância do brincar ativo
Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP)	2 a 5 anos	Máximo de 1 hora por dia	Foco em mediação e qualidade do conteúdo
Ministério da Saúde	0 a 5 anos	Uso restrito e supervisionado	Equilibrar com atividades físicas e sociais

Fonte: elaborado pelas autoras baseado em World Health Organization (2010); Sociedade Brasileira de Pediatria (2024) e Brasil (2025)

De maneira geral, o uso de tecnologias digitais tem se mostrado como um fenômeno cada vez mais comum nos lares brasileiros, principalmente no âmbito da primeira infância. Pesquisas recentes mostram que mais de 90% das crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos fazem uso da internet, tendo tido o primeiro acesso antes dos 6 anos. Esse acesso cada vez mais precoce tem gerado preocupações nas mais diversas áreas, principalmente àquelas voltadas ao desenvolvimento infantil, discutindo os potenciais prejuízos dessa exposição (SANTOS; OLIVEIRA; HOUNSELL, 2025).

Nessa linha, os autores sinalizam que cada vez mais se observa uma mudança nos modos de brincar, interagir e aprender, devido ao acesso indiscriminado de telas e mídias sociais, prejudicando o desenvolvimento de funções básicas da primeira infância. Com isso, o comprometimento de funções cognitivas fundamentais para o desenvolvimento infantil é marcante, evidenciando dificuldades nas áreas de atenção sustentada, memória de trabalho, aquisição da linguagem e na aprendizagem (SANTOS; OLIVEIRA; HOUNSELL, 2025).

Observando essas questões, é notório reconhecer que essas crianças enfrentarão dificuldades diversas ao longo da infância, adolescência e vida adulta, como desatenção, falta de foco em tarefas escolares e cotidianas, em seguir tarefas simples, na regulação de emoções, dentre outras, comprometendo o desenvolvimento cognitivo esperado (SANTOS; OLIVEIRA; HOUNSELL, 2025).

Nesse contexto, as relações sociais acabam diminuindo, o que pode prejudicar as trocas entre a criança e as outras pessoas, afetando também seu desenvolvimento, partindo da premissa que este se dá através das trocas com o meio. Ao conceber o campo cognitivo, profissionais de áreas da infância e familiares observam que a linguagem e a atenção são vastamente comprometidas, atreladas à redução das

interações com seus pares e de momentos de exploração ativa. Ainda relacionado a isso, os autores interligam as questões emocionais, como a dificuldade de autorregulação e a irritabilidade, o que também prejudica essas interações, gerando uma dependência digital (SANTOS; OLIVEIRA; HOUNSELL, 2025).

Por fim, reconhecendo essa questão como um problema cada vez mais comum, a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República publicou um guia sobre essa temática, destacando que o uso indiscriminado e excessivo de dispositivos digitais por crianças pode ser associado a diversos prejuízos ao desenvolvimento global, principalmente quando ocorre desde muito cedo ou sem mediação adequada (BRASIL, 2025).

Assim, “usos problemáticos ou excessivos de dispositivos digitais [...] estão associados a diversos atrasos no desenvolvimento cognitivo, emocional e da linguagem, bem como a problemas de saúde e sofrimento mental” (BRASIL, 2025, p. 10). Além disso, o documento salienta que essa exposição pode resultar em diversos riscos, como cyberbullying, conteúdos prejudiciais e isolamento social, os quais podem intensificar os impactos negativos na saúde mental e no bem-estar, evidenciando a necessidade de acompanhamento por adultos e de práticas que promovam um uso equilibrado das tecnologias digitais.

Desta forma, é importante contextualizar que todos esses impactos observados pelo uso indiscriminado de telas precisam ser amplamente divulgados. Dessa maneira, escola, família e sociedade tem importante papel em buscar alternativas para proteger crianças desses efeitos, construindo ferramentas de ação que as envolvam em aprendizagens concretas, em vivências sociais e atividades significativas, nas quais possam ter seu desenvolvimento potencializado. Assim:

Destaca-se o papel das políticas públicas na elaboração de campanhas educativas e programas de conscientização que alcancem famílias, escolas e comunidades. Essas políticas podem contribuir para o estabelecimento de diretrizes claras sobre tempo de tela, estimular a criação de ambientes familiares e escolares saudáveis e garantir a propagação de informações baseadas em evidências. A articulação entre família, escola, profissionais de saúde e gestores públicos é, portanto, fundamental para a promoção de um uso equilibrado das tecnologias, capaz de proteger o desenvolvimento infantil e fortalecer a formação integral das crianças na primeira infância. (SANTOS; OLIVEIRA; HOUNSELL, 2025, p. 18).

Diante desse cenário, torna-se imprescindível que essas iniciativas de fato se efetivem, construindo práticas concretas e que tenham continuidade dentro da

sociedade, aliadas ao engajamento social, favorecendo a construção de espaços que busquem o desenvolvimento infantil. Assim, ao passo que se promove o uso consciente de telas desde o nascimento, trabalha-se não somente na preservação da linguagem e das habilidades cognitivas, mas também em promover a existência de adultos saudáveis e integrados no meio em que vivem (SANTOS; OLIVEIRA; HOUNSELL, 2025).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões realizadas neste artigo, é possível evidenciar que o desenvolvimento da linguagem na primeira infância tem considerável relação com as relações socio-culturais estabelecidas entre a criança e o meio em que está inserida. A partir da perspectiva da psicologia histórico-cultural, entende-se que a linguagem é uma função que se desenvolverá a partir da mediação estabelecida na relação com o outro, tendo o adulto um papel importante nesse processo. Com isso, revela-se que a primeira infância é um momento de intensa aprendizagem, as quais dependem dessas relações sociais mediadas para que funções psicológicas sejam constituídas.

Nesse contexto, o desenvolvimento da linguagem se efetiva a partir de trocas comunicativas, na interação afetiva com seus pares e em experiências sociais e culturais que são compartilhadas, contribuindo dessa forma para a construção do pensamento, da consciência e da identidade, em um amplo processo que tem solo fértil no período da primeira infância. Entretanto, levando em conta a sociedade na contemporaneidade, é possível reconhecer que as tecnologias têm ganhado cada vez mais espaço, construindo um cenário preocupante quando se fala em desenvolvimento infantil, tendo em vista o acesso indiscriminado a esses dispositivos por crianças pequenas, fenômeno que ocorre cada vez mais precocemente.

Diante disso, a análise de materiais baseados na psicologia histórico-cultural sobre essa temática demonstra que essa alta exposição pode trazer diversos impactos para o desenvolvimento infantil, principalmente a funções importantes que se constroem nesse período, como a linguagem. É possível reconhecer que isso ocorre devido a novas vivências, como a substituição de interações sociais com seus semelhantes por estímulos exagerados e que tornam a criança um agente passivo, não demandando sua participação efetiva e não proporcionando trocas comunicativas com significados. Em

consequência a isso, o que se nota é uma redução no vocabulário infantil, atrasos na aquisição da linguagem, dificuldade na manutenção da atenção e prejuízos nas áreas cognitivas, sociais e emocionais.

Dessa forma, a psicologia histórico-cultural discute que o desenvolvimento infantil é um campo de extrema importância, pois será nesse momento que as funções psicológicas serão desenvolvidas, as quais têm papel importante para a vida do indivíduo em diversos aspectos. Portanto, discutir os reflexos que o uso excessivo de tecnologia tem nesse período é essencial para compreender os efeitos que podem dificultar o desenvolvimento de tais funções, podendo comprometer a vida nos seus diversos períodos.

Para além disso, é possível perceber que esses efeitos do uso excessivo de telas na primeira infância não se restringem apenas a esse período de vida, podendo gerar impactos que permanecem ao longo da vida do indivíduo. Assim, poderão acarretar em problemas de aprendizagem, na regulação emocional e nas interações estabelecidas no âmbito social. Nessa perspectiva, órgãos importantes que estudam e discutem a infância e o desenvolvimento humano recomendam que é fundamental que os cuidadores limitem o tempo de exposição à telas, destacando a necessidade de supervisão e mediação de um adulto, bem como o fortalecimento de atividades essenciais para esse período da vida, como as brincadeiras e a convivência com outras crianças e adultos.

Por fim, destaca-se que a tecnologia em si não é o problema, mas sim os modos como tem sido utilizada, pois, em determinados casos, quando seu uso é planejado, mediado e supervisionado, poderá contribuir para o desenvolvimento de processos educativos. Mas ao falar da primeira infância, outras ações devem ser priorizadas, como orienta a psicologia histórico-cultural, buscando experiências diretas com o mundo ao seu redor. Então, pais, educadores e demais profissionais que atuam com esse público alvo precisam estar cientes desses impactos, buscando de forma coletiva promover práticas saudáveis para o desenvolvimento infantil, fortalecendo os vínculos afetivos, sociais e culturais, buscando o desenvolvimento integral dessas crianças.

Durante a elaboração deste trabalho, os autores utilizaram a ferramenta [ChatGPT](#), desenvolvida pela [OpenAI](#), para fins de estruturação de tópicos, revisão gramatical e aprimoramento de estilo textual. Após a utilização da ferramenta, todo o conteúdo foi

revisado, editado e validado pelos autores, que assumem total responsabilidade pelo conteúdo final apresentado

REFERÊNCIAS

ABUD, A. B. de C.; MOREIRA, I. S.; ALMEIDA, J. O. R. de; BOSSA, L. F. P.; CURY, S. E. V. Os impactos do uso de telas na primeira infância. **Congresso Médico Acadêmico UniFOA**, v. 10, p. 1-8, 2024. Disponível em: <https://conferencias.unifoa.edu.br/congresso-medvr/article/view/1559>. Acesso em: 11 abr. 2026.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Crianças, adolescentes e telas: guia sobre usos de dispositivos digitais**. Brasília, DF: Secom, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes/guia/guia-de-telas_sobre-usos-de-dispositivos-digitais_versaoweb.pdf. Acesso em: 08 abr. 2026.

CHEROGLU, S.; MAGALHÃES, S. M. **O primeiro ano de vida: vida uterina, transição pós-natal e atividade de comunicação emocional direta com o adulto**. In: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. *Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: do nascimento à velhice*. (1.ed). Campinas: Autores Associados, 2016. 384 p.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **A psicologia frente ao mundo digital: orientações para a atuação profissional com crianças e adolescentes**. 1. ed. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2025. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/a-psicologia-frente-ao-mundo-digital-orientacoes-para-a-atuacao-profissional-com-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 08 abr. 2026.

FACCI, M. G. D.; TAVARES, L. S. P. Periodização do desenvolvimento na psicologia histórico-cultural: contribuições para a prática docente na educação infantil. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 28, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/gsxgMDxYSnr6JR3zCC57bsK/?lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2026.

GONDIM, E. C.; HILÁRIO, J. S. M.; PANCIERI, L.; MELLO, D. F. de. Influências do uso de telas digitais no desenvolvimento social na primeira infância: estudo de revisão. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/67961>. Acesso em: 12 abr. 2026.

MARTINS, L. M. A Internalização de Signos como Intermediação entre a Psicologia Histórico Cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica. In: BARBOSA, M. V.; MILLER, S.; MELLO, S. A. (org.). Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016a. p.103-121.

MARTINS, L. M. Psicologia Histórico-Cultural, Pedagogia Histórico-Crítica e Desenvolvimento Humano. In: MARTINS, L. M; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: do nascimento à Velhice (1.ed). Campinas: Autores Associados, 2016b. 384 p.

PASQUALINI, J. C. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 1, p. 31-40, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/RWgYJCJ8KJvkYfjzvDbcF3PF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2026.

PASQUALINI, J. C. (2006). **Contribuições da psicologia Histórico Cultural para a educação escolar de crianças de 0 a 6 anos: desenvolvimento infantil e ensino em Vigotski, Leontiev e Elkonin** (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/1019.pdf. Acesso em: 08 abr. 2026.

SANTOS, L. V. L.; OLIVEIRA, A. L. C. de; HOUNSELL, E. P. F. Primeira infância e uso excessivo de telas: os impactos no desenvolvimento infantil. **Revista Contemporânea**, v. 5, n. 10, p. 1-24, 2025. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/9397>. Acesso em: 21 mar. 2026.

SANTOS, S. S.; MELLO, S. A. A comunicação na educação de bebês: quando falar com os bebês significa singularizar para humanizar. **Muiraquitã**, v. 8, n. 2, p. 282-293, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/3904>. Acesso em: 25 mar. 2026.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). Menos telas mais saúde: atualização 2024. Rio de Janeiro: SBP, 2024. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/24604c-MO__MenosTelas__MaisSaude-Atualizacao.pdf. Acesso em: 08 abr. 2026.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global recommendations on physical activity for health.** Geneva: World Health Organization, 2010. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241599979>. Acesso em: 22 mar. 2026.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Autor: Heloisa Martins Pereira

Autor: Julia Maquiaveli

Orientador: Hellen Luisie Florencio Gonçalves